



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ninguém que circulou nos últimos dias pela maior maratona teatral do país, realizada (há três décadas) no Paraná, saiu do evento sem notar “Visita A Domicílio”, história de reencontro que parece ter calado no fundo nos corações solitários (e naqueles bem acompanhados) na plateia.

O Hotel Mabu, no Centro da capital paranaense, tinha folders e pequenos cartazes dessa peça por todo lado. Nestes tempos digitais, onde tudo é QR Code e postagens de Instagram, quem acredita que a comunicação via papel está obsoleta caiu do cavalo com a estratégia por trás da coprodução Brasil x Argentina baseada num texto de Alberto Romero. A ocupação do olhar por meio de uma campanha gráfica impressa deu certo e gerou um interesse convertido em boca a boca dos mais entusiasmados, com direito a “É Imperdível!”. Haverá uma apresentação a mais desse rasga-coração estrelado pelo argentino Juan Manuel Tellategui e pelo brasileiro Cícero de Andrade nesta quinta, às 18h30, no Teatro Paiol.

Seu enredo engloba um dos substantivos preferidos pelas artes cênicas desde a paixão entre Édipo e Jocasta, lá na milenar Tebas dos Antigos: o benquerer proibido, interdito, censurado, ou, no caso, alvejado pela intolerância. A premissa da dramaturgia de Romero é uma pergunta: o que você faria se encontrasse seu primeiro grande amor da adolescência 25 anos depois... e de forma inesperada? O 34º Festival de Curitiba tem uma resposta para essa demanda numa love story, com a trombada inusitada entre Gabo e Fernando. Eles viveram um amor escondido na adolescência, por conta do preconceito ao redor. Passou-se um quarto de século desde o sumiço repentino de um deles. Agora, por conta da traquinagem do Cupido, rola um esbarrão inesperado entre eles em Buenos Aires. E agora? Faz-se o quê?

A peça celebra os 30 anos de carreira de Juan Manuel Tellategui, idealizador do projeto, que vive Gabo. Celebram-se também os 20 anos de carreira de Cícero de Andrade, que dá vida a Fernando. Ambos atuam sob a direção de Zé Guilherme Bueno e Miguel Arcaño Prado.



‘Visita a Domicílio’ se impõe nos palcos paranaenses ao celebrar um reencontro

Sempre teremos o amor

‘Visita A Domicílio’, estruturada na ponte Brasil x Argentina, consagra-se no gosto do público da maior maratona teatral do país, que há de transcender com Angel Ferreira em ‘Sidarta’



‘Sidarta’ revisita Hermann Hesse e a noção moderna da transcendência



‘Como Um Palhaço - Like a Clown’ põe a comédia em discussão

No time criativo, “Visita A Domicílio” tem direção de movimento de Zuba Janaina e conta com cenografia e figurino de Kleber Montanheiro. A iluminação é de Nicolas Manfredini.

A sagacidade desse coletivo em espalhar registros de “Visita A Domicílio” por Curitiba fez com que um potencial sucesso tivesse lugar na ribalta. A primeira apresentação foi na terça, na grade do Fringe, a se-

ção do festival dedicada a exercícios de ousadia. Nessa seara, esta tarde, o TELAB - Teatro Laboratório da FAP recebe “O Canto da Mulher-Pássaro”, expressão de Raiane Lima como performer e dramaturga, sob direção de Íris Xavier, numa discussão sobre a noção de “corpa”, numa afirmação feminina da corporalidade.

Caminhando-se para sua reta final, o Festival de Curitiba recebe,

nesta sexta-feira, aqui do Rio de Janeiro, o que promete ser uma cerimônia de riso e ironia: “Como Um Palhaço - Like A Clown”. Em cena, a direção, a dramaturgia e a interpretação ficam por conta de Helena Bittencourt e Goos Meeuwssen. Trata-se de uma palestra sobre palhaçaria... ou quase isso.

A sinopse oficial se refere a artistas que usam a menor máscara do mundo (o nariz vermelho) de modo

cru: “uma comédia contemporânea para aqueles que os amam e para os que os odeiam”. Dois acadêmicos assumem o desafio de apresentar uma palestra quando as coisas tomam rumos inesperados. O espetáculo desconstrói a imagem do palhaço, pesquisando os diversos significados que a profissão adquiriu ao longo do tempo. A ideia é distorcer arquétipos clássicos da palhaçaria, transitando entre o passado e o presente, misturando influências culturais e técnicas teatrais para mergulhar na identidade em constante evolução do palhaço. A encenação será na Caixa Cultural de Curitiba.

Esta noite, Angel Ferreira vai demolir os arames mais bem farpados do moralismo ao levar seu festejado “Sidarta” para o Teatro José Maria Santos. De 1 a 24 de maio, a produção vai ser encenada no Rio, na sede da Cia dos Atores, na Escadaria Selarón. Sua dramaturgia é inspirada no livro homônimo publicado em 1922 pelo alemão naturalizado suíço Hermann Hesse (1877-1962), autor vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1946. Na narrativa cênica, a plateia acompanha Sidarta, filho de Brãmene, em sua saída da casa dos pais. Seguido por seu melhor amigo, ambos aderem aos “Samanas”, vertente espiritual que busca a iluminação por meio da mortificação do corpo. Desconfiado e desiludido com as doutrinas, conhece o próprio Buda e dele também se afasta, determinado a encontrar seu próprio caminho. Estabelece relação com uma cortês da cidade, torna-se comerciante, embrenha-se no vício e no materialismo para novamente deixar tudo para trás e retornar à simplicidade.

Angel transpôs o romance para a cena sob a supervisão artística de Beth Martins e Renato Livera, numa interlocução dramaturgicamente com Walter Daguerre. Sua interpretação arrebatou.

O Festival de Curitiba encerra suas atividades neste domingo.